



JOÃO FILGUEIRAS LIMA (LELÉ)

Anália Amorim

SAUDADE.

Escrever sobre o Arquiteto João Filgueiras Lima, que acaba de ir-se, poderia ser interminável.

Assim, permitam-me escrever sobre o Brasil que o Arquiteto idealizou e realizou em suas obras.

Um país onde há Arquitetura, em toda sua dimensão poética e técnica, no conduzir das águas, no conter das encostas, no transpor dos vales, no subir e descer de morros, no fabricar os estares e as demoras da vida humana... Arquitetura que protagonizou planos de Estado, fortaleceu os valores da coisa pública e forjou uma equação financeira onde todos podem sair ganhando. Só isto poderia haver dado ou vir a dar a este País Possível um Nobel de Economia: a visão de um estado de coisas e decisões onde é factível mensurar os recursos financeiros a fim de se executarem planos, posto que os desígnios e a arte de sua fabricação desses planos estão suficientemente detalhados.

Um estado de Arquitetura e de País, quando a possibilidade de se executar uma obra está comprometida equanimemente com a beleza, os recursos e o aprofundamento do saber e poder fazer.

Um país onde não apenas os usuários se elaboram ao habitar seus espaços como também os trabalhadores que os fabricaram se constroem a si próprios ao fazê-los.

A obra do Arquiteto João Filgueiras Lima é a construção de uma resistência.

Resistência quando a ganância oferece-nos a chance de construir projetos urbanos e arquitetônicos a custa de lucros injustos. Injustos, pois acentuam a desigualdade social que, ao final, todos, sem exceção, padecemos as consequências.

Pergunto-lhes agora: a quem interessa este país? E lhes respondo: interessará a todos.

São seletos os Arquitetos que realizam, através de desígnios da fabricação, os poemas que povoam sua mente. São poucos os que unem, na mesma matriz geradora, a Arte, a Técnica e a Ciência a serviço do habitar humano dos espaços. Raros, os que ampliam a inteligência das mãos e humanizam seus prolongamentos.

Lelé – permita-nos, prezado Arquiteto João Filgueiras Lima, seguirmos a chamar-te assim – nos deixa quando o País ainda tanto dele necessita.

Precisamos de sua Ética. Sua clareza de desvelar, a todos, a grande caixa preta da execução dos sonhos.

Lamentamos não pode vê-lo mais na sua figura magra, polida e cordial, tenaz com quem se equivoca enredado pela ganância, generoso com os que estudam e preciso com os que executam.

Que perdure, todavia, sua escola de pensar, sítio onde a concepção e a produção dos espaços arquitetônicos dialogam, sem subterfúgios, com a matéria, com o etéreo, com a vontade de bonança comunitária que tantos ainda guardam na memória.

Celebremos um País em que isto pode ser verdade. Assim como querias.

Quiséramos, Lelé, que tivesses vivido este País Possível, tão claro como o vias. Ainda que saibamos que foi este mesmo país que te levou daqui mais cedo.

Te saudamos, Lelé, e sentimos tua falta.

Cartagena das Índias, 13 de julho de 2014

Anália Amorim

Arquiteta da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutora pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente é professora da Escola da Cidade e da FAUUSP. Departamento de Projeto - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo

05508-080 - São Paulo, SP, Brasil

(11) 3091-4550

aamorim2000@dialdata.com.br